

V CONGRESSO
DE HISTÓRIA
DA ARTE

Livro de resumos

Heranças, Debates
e Novas Perspectivas

— 18 | 19 | 20
Outubro | 2023 —

Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal

menções ao seu passado, não tendo óbice em adulterá-las para as imiscuir nas ambiências fantasiosas que arquitetou.

Esta é a história de um Museu umbilicalmente ligado ao Mecenaz, à mercê das suas vontades e biografia. De tal forma que à morte deste, em 1977, seguiram-se 27 anos de decadência. E o assomo de diligências concisas para obstar ou reverter a ruína que pairou deu-se somente em 2004, com o desencadear, por parte da tutela, de um processo de reorganização museológica. A este respeito, a História de Arte deu respostas aos desafios de monta, às questões de fundo e indagou a possibilidade de proporcionar novas formas de ver, aclarar e classificar o Museu.

Ao abrigo do 3.º eixo (“Novas perspetivas”) e da ponderação sobre convivência entre História de Arte e outras áreas, esta conferência apresenta um exemplo de cooperação entre historiador de arte, museólogo e conservador restaurador. Esta apresentação pretende explanar as opções metodológicas concertadas, o tipo de dados obtidos ou por granjear e a plausibilidade dos mesmos para intervir no espaço, afiançar a valia histórico-artística do espólio e decifrar as idiossincrasias do colecionador

NOTA CURRICULAR

Técnico Superior de História de Arte do Museu de Santa Maria de Lamas

Licenciado em História da Arte (2009) e Mestre em História de Arte Portuguesa (2012), ambos concluídos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (F.L.U.P.). É atualmente doutorando em Estudos do Património – ramo História de Arte, na mesma faculdade, sendo orientado pela Prof.ª Doutora Ana Cristina Sousa. Do ponto de vista profissional exerce, desde 2010 e no Museu de St.ª M.ª de Lamas, o cargo de Técnico Superior de História da Arte. Tem formações em “Preservação de Livros e Documentos gráficos”; “Mercado e Avaliação de Arte”; “Armas de Fogo em contexto museológico”. É autor convidado desde 2017 e supervisor editorial e gráfico (de abril de 2022 em diante), da revista Villa da Feira. Terra de Santa Maria; uma publicação do foro historiográfico e artístico da Liga dos Amigos da Feira. Coordena o ciclo de palestras “Retalhos da História de S. P. Oleiros”, iniciativa da Biblioteca Pública local ao abrigo do Programa de Apoio à Cultura do Município de St.ª M.ª da Feira.

Foi autor da dissertação de Mestrado «António Carneiro (1872-1930). Pluralidade e desígnios do ilustrador» (com orientação do Prof. Doutor Agostinho Araújo). Coordenador do catálogo «São Paio de Oleiros no tempo e no espaço» (2017). (...).

15h45

Intervalo

DEBATES – SESSÕES PARALELAS

Auditório 3

16h15

Da estatuária *fin-de-siècle* à escultura moderna. Grande rutura ou genealogia entrelaçada?

José Guilherme Abreu (Universidade Católica Portuguesa)

A compreensão da transição ocorrida entre a escultura do final do século XIX e o início do século XX, é uma das problemáticas mais sensíveis da história recente da escultura. A leitura dominante, estabelece-se através de um pilar conceptual duplo: a tese da “grande rutura” e do “caráter pioneiro da obra de Rodin” (Giedion-Welcker, 1937), (Seuphor, 1959), (Read, 1964), (Argan, 1970) e (Krauss, 1981), entre outros. A presente tese, contudo, tem vindo a ser posta em causa por vários autores que reconhecem traços antimodernistas em ambos os períodos (Lears, 1981), (Anderson, 1991) e (Jessup, 2001).

Uma investigação realizada no âmbito do projeto GEO-SR e apresentada em outubro de 2021, na International Conference *Sculp21. Shaping Genealogies*, defende a tese da “genealogia entrelaçada”, segundo a qual a transição da estatúária *fin-de-siècle*, para a escultura moderna ocorre a partir de trânsitos complementares e interdependentes, que são responsáveis pela introdução de novos aspetos, assim como pela conservação de antigos, desligando-se do ecleticismo dominante, ao libertar-se dos estilos históricos.

Nesta perspetiva, o ecleticismo ao relativizar a gramática dos estilos (Boime, 1980) contribuiu para a desconstrução do estilo. Antes do ecletismo, a evolução genealógica da arte era formada por uma série diacrónica de estilos singulares. Depois do ecletismo, passou a não haver mais lugar para o estilo, ou pelo menos para um único estilo.

De acordo com este ponto de vista, a transição da estatúária *fin-de-siècle* para escultura moderna resultou da passagem de um modelo formado por uma série diacrónica de estilos artísticos, para um outro formado por um complexo sincrónico de correntes artísticas paralelas, concomitantes e independentes.

A partir daí, em vez de diferenciarem a sua produção face à dos estilos históricos, os artistas passaram a diferenciar a sua produção face à dos restantes artistas, ou seja, face ao Mercado, que se substitui assim à História.

NOTA CURRICULAR

Doutor em História da Arte Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É professor convidado da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, e investigador do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes, da mesma Universidade. Integra o *Comite Asesor Internacional* da Revista EURE do *Instituto de Estudios Urbanos* da Pontificia Universidade Católica do Chile), o *Consejo Asesor* da Revista *Arte Y Ciudad* da Universidade Complutense de Madrid, assim como o *Scientific Committee* da Revista *on the waterfront* do Centro de Recerca Polis da Univesitat de Barcelona. É Secretário da *Association Raymond Abellio de Recherches et Études* (ARARE) sediada em Paris.

Como investigador especializou-se em Arte Pública. É autor de livros e monografias, tendo a sua tese de doutoramento recebido o prémio Ignasi de Lecea de Arte Pública, atribuído pelo Centro de Investigação POLIS da Universitat de Barcelona, em 2009. Desde 2018, coordena a *Rede de Informação, Investigação e Intervenção de Arte Pública* (R3iAP).

16h30

Fernando Lanhas, *Tambores*: Um caso na historiografia da arte portuguesa

Delano Brun (Universidade do Porto)

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Tambores* de Fernando Lanhas e debater a pouca consideração por parte da crítica e da historiografia da arte portuguesa sobre esta pintura, apesar das conexões e evidências com a obra O2-44 do mesmo autor. A pesquisa visa uma análise crítica da obra *Tambores* e uma revisão bibliográfica sobre o percurso artístico de Fernando Lanhas, atento aos caminhos do abstracionismo geométrico em Portugal. Recorreremos a um conjunto de fontes diversas, incluindo os textos teóricos e críticos sobre a obra do artista, em particular, sobre a fortuna crítica das obras em análise.

Tambores é uma pintura incontornável no contexto abstracionista de Fernando Lanhas, apresentando uma forte relação com a pintura O2-44. No entanto, a crítica e a historiografia da arte tendem a ignorar sua relevância, devido a uma tradicional abordagem excessivamente formal e cronológica. Identificámos, através de uma leitura mais aberta e menos presa às transformações formais, um posicionamento capaz de fornecer novas perspectivas para a compreensão do valor dessa e de outras obras do artista.